

Visado
pela Comissão
de Censura

Ecoss da Franqueira

- AVENÇA -
Número avulso
25 centavosRedacção e Administração
Carvalho — BarcelosASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)
P. GAMENT. ADIANTADO

Director, Editor, Administrador e Proprietário

P.º José A. Aires

Publica-se aos Domingos

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

O MONTE DA FRANQUEIRA

(Continuação da Crónica da Santa
Provincia de N.º Sr.ª da Soledade
por Fr. Francisco de S. Tiago).

Junto ao muro da cerca do nosso Convento à parte do Sudoeste, em uma porção do Monte da Franqueira, em um cabêço mais obra da natureza, que da arte, se eleva o antiqüissimo e afamado Castelo de Faria, solar dos principais Farias deste Reino, de forma regular de fortaleza inespugnável daqueles antigos séculos, da qual se não vê mais que as ruínas e fundamentos, porque ao tempo nem os mais fortes Castelos resistem, tudo acaba e consome. E' derivado também o nome de Faria da região Ofirina, em que existe. Ao pé do castelo, a parte do Sul está também a freguesia chamada de Faria, que foi Vila como consta duma certidão publica tirada da Torre do Tombo, a qual é hoje uma fraca Aldeia, que tanto pode o tempo, que a umas terras levanta, e a outras abate.

Atribue-se a fundação do Castelo e Vila de Faria aos Francos, hoje Francezes que vieram a este território, deviam ali fortificar-se e ter algum successo notável, que lhes perpetuou a memória, dando o nome à terra da Franqueira.

Foi a cabeça de Condado, cujo título logrou D. Gonçalo Teles de Menezes, Alcaide Mór de Coimbra, progeditor dos Condes de Cantanhede e irmão da rainha D. Leonor, mulher de El-rei D. Fernando, único do nome. Já antes de Portugal ser Reino, existia este Castelo de Faria; porque, quando por morte do Conde D. Henrique se senhoreou o Conde de Transmar das terras de Portugal diz o Conde D. Pedro, que o Santo Rei, D. Afonso Henriques ganhara os Castelos de Neiva e Faria, e dali começara a recuperar com armas o perdido.

Neste Castelo de Faria, se achava o mesmo D. Afonso Henriques, sendo ainda Infante, quando ao Mosteiro de Manhente, que era de Monges Benedictinos, fez casto, divisando por marcos e balizas as terras que lhe contava o que hoje pertence ao Religiosissimo Convento de Vilar de Frades da Sagrada Congregação de S. João Evangelista.

No tempo do acima referido Rei D. Fernando de Portugal, estando em viva guerra com D. Henrique Rei de Castela, se viu a cidade de Lisboa cercada e abrasada pelos Castelhanos, e no mesmo tempo entrou por Entre Douro e Minho, Pedro Rodrigues Sarmiento, Adiantado de Galiza, e chegou correndo a terra até à Vila de Barcelos. Para pelear com ele se ajuntaram muitos Fidalgos daquela Provincia com gente, que puderam ajuntar, foram vencidos estes.

Era ao mesmo tempo Alcaide e Governador do Castelo de Faria, Nuno Gonçalves de Faria, senhor do Minhas, o qual deixando no Castelo o seu filho Gonçalo Nunes de Faria com gente, que tinha de presidir, saiu ao campo com a Vila de Barcelos, a ajudar os seus naturais, porém chegou a tempo, que os Castelhanos os tinham já derrotado; e voltando sobre Nuno Gonçalves, o venceram, prendendo-o e carregando-o de ferros. Vendo-se este assim preso, disse aos Castelhanos que o levassem ao pé do Castelo que diria e persuadiria a seu filho que o entregasse.

Assim o fizeram; e chegando ao pé do muro do Castelo e chamando por seu filho, com ânimo valoroso e esforçado, cheio de lealdade e do honra, estimando mais perder a vida que a sua honra em menoscabo, e ser desleal a seu Rei e pátris, lhe disse:

Bem sabes, filho, como este Castelo me foi dado por El-Rei D. Fernando, e dele lhe dei pleito e homenagem mas por minha desventura sahi hoje dele, cuidando quo nisso o servia. Meus inimigos me trazem aqui, para que te diga que lho entregues, mas porque eu não posso fazer isto, guardando a lealdade que devo, por tanto te manda sob pena da minha maldição o não entregues a pessoa alguma, senão a El-Rei meu Senhor ou a quem Sua Alteza por seu certo recado o mandar.

Ouvindo isto os Castelhanos, e tendo-se por escarnecidos, mataram a Nuno Gonçalves ali logo na presença do filho, feia e indecentemente, apunhaladas, e o fizeram em pedaços.

Ditosa e honrosa morte:

Quam pulchrum, quam decorum propatria mori.

Não foi isto um illustre Portuguez, morrer, foi viver, e na memória dos homeus perpetuar-se por todos os séculos.

(Continua.)

Carta de Barcelos

Foi passar as festas do Natal com sua familia à Povia de Varzim o Ex.mo Snr. Dr. José Gomes de Matos Graça, illustre Governador do Distrito.

—Vimos nesta cidade os nossos conterraneos comerciantes na cidade do Porto Ex.mos Snr.s Manuel Miranda e Fernando Miranda societários do «Centro de Novidades».

—Esteve alguns dias na freguesia de Adães com sua Ex.ma Esposa e filhinhos, em casa de sua sógra e cunhadas o nosso amigo e benquista ourives desta localidade Snr. Manuel Ferreira Lemos.

—Inaugurou-se no dia 26 de Dezembro findo nos Paços do Concelho a Bandeira da cidade, acto que foi abrilhantado com uma banda de música e bastante concorrido.

—O «Orfeon Barcelense» inaugurou solenemente a sua nova séde, cuja festa constou de diferentes numeros entre eles um animado baile.

—Esteve em Braga, com pouca demora o Ex.mo Snr. António Hermínio Matos Cardoso e Silva.

—Houve nesta cidade uma interessante festa escolar, a que presidiu o Ex.mo Snr. Governador e Inspector Chefe da Região Escolar de Braga.

—Podemos afirmar que a Comissão Administrativa da Confraria de N. Sr.ª da Franqueira vai mandar proceder a grande plantação de árvores no Monte da Franqueira para cujo fim tem empregado grandes esforços os nossos bons amigos Ex.mos Snr.s Domingos Ferreira Vale, desta cidade e Manuel Alves, da freguesia do Carvalho. — C.

“Ecoss da Franqueira,”

Prevenimos mais uma vez os nossos presados assinantes de que se encontram na C.ª Editôra do Minho, Barcelos, os recibos das assinaturas, agradecendo o obsequio de os procurar, afim de evitar as despêsas do correio.

*

Pagaram a assinatura do jornal mais os seguintes Senhores:
Manuel André da Silva, de Carvalho, e a Ex.ma Snr.a D. Laura Viana da Costa, do Porto.

UM BOCADO DE ARQUEOLOGIA

Civilização paleolítica

Os materiais que nos restam da civilização do homem do tempo da *pedra lascada*, reduzem-se às *cavernas* e aos *instrumentos*; mas basta-nos isso para podermos considerar o homem de então como um perfeito selvagem.

As *cavernas* — Tudo tem o seu progresso e assim a arquitetura antes de erguer para o ar as suas fantásticas e monumentais obras, foi subterrânea.

Para verificarmos o progresso desta arte, por um simples passeio que se dê pela aldeia, vemos que pelos campos existem pequenas barracas angulares, de curtas dimensões, umas de madeira e outras de varas e palha, onde alguém dorme embrulhado numa manta; mais além cabanas de côlmo e terreas, sem compartimentos, a maior parte das vezes só com um pequeno janêlo por onde mal entra a luz; mais aqui ou acolá as *casas tôrres* com a sua *varanda* e *janelas de peitoril*, e por fim os palacêtes e palácios das nossas vilas e cidades.

Que nos diz, pois, a pre-história?

Que os nossos antepassados eram *tregloditas*, isto é, habitavam cavernas, como se prova pelo aparecimento de ossos humanos e vestígios de indústria nelas.

Ignora-se que tivessem outra espécie de moradas.

Sabe-se, contudo, que as cavernas pre-historicas não só serviam de habitação, mas também de sepulturas.

Instrumentos — Os instrumentos da época paleolítica mais antiga são feitas de pedra grosseiramente lascada de diferentes modos, com jacetas e cavidades correspondentes aos fins a que os destinavam.

Estes apresentam cores variadas e encontram-se de ordinario nos depositos das grutas, nas camadas do terreno diluvial e terciario e em outras localidades, ora soltos, ora associados a ossos de animais cujas espécies se extinguiram ou apparecem hoje noutras partes.

São diferentes até hoje os encontrados, na sua côr, forma, configuração etc... e serviam para cortar, raspar, furar, para armas de arremêso etc...

Resumindo — Os nossos antepassados achavam-se nas mais miseráveis condições e cercados de feras que os acoassavam (o mastodonte, o urso, a hiena), possuíam apenas para lhes oppôr, a própria robustez física, tôscas armas de pedra lascada que a sua intelligência não sabia ainda aperfeiçoar e polir e grossas pernadas de freixo, que nos extremos do desespero, aguçado pelo instinto da conservação, eles arrancavam aos frondosos matos, onde viviam, como os lobos, em covas frias e húmidas.

A agricultura ainda não era conhecida, utilizando-se estes povos da caça. O leite sustentava-os e a lã vestia-os.

Também não era conhecida qualquer espécie de indústria.

A forma social e as instituições religiosas, nada se sabe de positivo.

Deixemos o homem paleolítico e passemos aos seus descendentes que já possuíam outros recursos.

Civilização neolítica

Antropofagia — Sabe-se que os *trogoditas* portugueses nos tempos pre-históricos praticavam a antropofagia.

Não nos devemos envergonhar de ter canibais nos nossos antepassados, porque antropofagos ainda hoje se encontram nos povos modernos.

Trepanação — Em Portugal poucos factos autorizam a admitir no período neolítico a existência da trepanação.

A trepanação era uma operação cirurgica que consistia em preparar o craneo de um individuo ainda vivo, ou outra que consistia em talhar um craneo humano, depois da morte, peças de diferentes formas que serviam de amuletos (objectos que os povos admitiam como efeito profilactico em certas doenças.)

Hoje ainda há quem traga arrelíquias de ossos de santo em saquinhas dependuradas ao pescôço, o que é claramente um vestígio de um amuleto antigo.

Cerâmica — No norte pouco se tem descoberto. Sabe-se que os *trogoditas* tinham algumas noções da comunidade e bem estar e que os vasos de barro fabricados por estes povos eram de um barro muito mal preparado, sendo amassado sem lhe tirarem completamente as pedras que neste se encontravam, averiguando-se que não tinham crivo, ou, se o possuíam, applicavam-no imperfeitamente ao coamento e limpeza do barro e desconheciam a roda de oleiro.

Amuletos — Depois da cerâmica vêem naturalmente os amuletos. Os vasos eram indispensáveis à vida material; os amuletos estão no mesmo caso pelo que diz respeito à vida espirital.

Ambos entram no uso doméstico.

Amuletos, de um modo geral, são certos objectos que se trazem ao pescôço ou num bolso, ou se guardam em casa, com o fim de se evitar certos males.

umas vezes basta um dente de alho, outras, uma simples pedra, não inora a importa, o aspecto mais ou menos extraordinário: a significação íntima vale tudo.

Adornos e insignias — Além dos amuletos ou pseudo-amuletos têm apparecido outra espécie de objectos que são evidentemente adornos; consistem com especialidade em contas.

As que se têm encontrado enfiaram-se em fios de metal à maneira de colares.

Em Portugal também appareceram dois baculos.

Instrumentos — Os instrumentos de que os povos pre-históricos se serviam para os seus usos (guerra, caça, trabalhos domésticos, etc.) atestavam as formas mais variadas e eram feitos das substâncias mais diversas.

Uns parecem-se com uma faca, uma lança, uma seta, uma cunha; outros com um furador, um percutor, um polidor.

Assim os archeologos dão-lhes estes nomes e os de *machados*, *machadinhos*, ou simplesmente *celtes*.

Para a sua confecção escolheram-se substâncias duras, tais como o sílex, o basalto, o calcareo, o quartzo, o feldspatho, o granito, a serpentina; há ainda muitos de schisto e de osso.

As obras dos nossos archeologos estão cheias de desenhos destes instrumentos.

Em Portugal têm apparecido muitas foices de sílex e machados.

Os instrumentos pre-históricos apparecem em muitas partes: umas vezes enterrados nos próprios lugares onde os seus possuidores os deixariam, outras vezes nas mãos do povo.

Agricultura — Na marcha activa do estado animal para o social, o homem foi successivamente caçador e pescador e só mais tarde agricultor. Antes de estabelecer barraca assente onde abrigasse a família e os animais domésticos e ascendesse o lume, andou errante através das matas e florestas, à procura de aconchegos, sujeito às intempéries e à fome, que o obrigava talvez também a devorar os seus companheiros. Uma ave que voava ou peixe que saltitava fora d'água eram as suas melhores refeições.

Veio depois a vida pastoril. Tinham grandes rebanhos. O leite sustentava-os e a lã vestia-os.

Os homens do fim da época da pedra polida que dominavam no nosso solo e que levantavam os dolmens, não só conheciam a arte de domesticar os animais, como já faziam uso da alimentação vegetal, principalmente de frutos.

Estações pre-históricas — É vulgarissimo o nosso povo dar o nome de *castros* a certos monumentos antigos, de origem histórica, ou, pelo menos, proto-históricos, parecendo que tal nome se estende também a estações verdadeiramente pre-históricas.

O grande archeologo Martins Sarmiento dizia que os habitantes das povoações cujas ruínas cobrem os outeiros sobranceiros aos vales, sepultavam os seus mortos nas *antas* e nas *antelas* (monumentos neolíticos) existentes em baixo, no vale.

Estes monumentos continuaram a viver não só na *idade do ferro* mas na época romana.

Sepulturas — Os principais monumentos sepulcrais desta época são as *antas* e as *antelas* (ou *antinhas*), que podem ser cobertas por um montão de terra chamado pelo povo *mamôa*, *mamôia*, *mamoinha*, *mamunha* e ainda *mamaliar*.

O falecido archeologo Martins Sarmiento apontava a etimologia destas denominações e ainda como sinonimo de *mamôas* o termo *montilhão* e *mamoela* (de Espozende).

Antas — *Anta* e *dolmen* é o termo empregado pelos archeologos estrangeiros, significando uma e a mesma coisa: — um pequeno monumento formado por tosca lagea postada sobre uma série de pedras a pino. Sobre a etimologia de *anta* há muito desacôrdo.

A palavra *anta* é muito antiga na nossa língua e deu origem a vários nomes de logares e sítios, como S. Paio d'Antas — (Espozende) — e outros.

Uma anta pode atingir a altura de três metros e ser descoberta ou coberta pela *mamôa*.

Segundo o archeologo Martins Sarmiento, no litoral minhoto não há anta sem mamôa.

A mamôa pode ser prendida de um corredor ou galeria que tem o nome vulgar de *furna*.

Nas *antas* encontram-se muitas vezes instrumentos de pedra, etc. porque acontece como em muitas partes enterravam-se com os mortos objectos do seu uso.

Antelas — As *antelas* (diminutivo de *anta*) são sepulturas quadrilongas fechadas pelos seus quatro lados e tapadas com diferentes pedras, postas ao traves de seu diametro pequeno.

Diferenciam-se das *antas*: primeiro, por não terem uma mesa, ou lagea unica a cobri-las; segundo, porque a entrada para elas é por cima e não pelo lado, como nas *antas*.

Tanto as *antelas* cobertas pela *mamôa*, como as simples *mamôas* dão os archeologos estrangeiros o nome de *tumuli*, mas nós, portugueses, empregamos e devemos empregar os nomes nacionais.

Por informações colhidas por archeologos sabe-se que no Minho as *antelas* lhe chamam também *antinhas*.

Pias — Com este nome são conhecidas no Minho sepulturas abertas em rocha. Estas sepulturas na nossa provincia variam muito de forma e não se sabe se dentro delas teria apparecido alguma coisa, nem se sim ou não estavam cobertas por *mamôas*.

Megalitos diversos — Chamam-se em Archeologia pre-histórica *megalitos* os monumentos de grandes dimensões, como por exemplo a *antas*; quando se compõem de uma só pedra têm geralmente o nome de *monolitos*.

Além das *antas* conhece-se:

O *neubir*, monolito tôco, isolado, enterrado no solo;

O *cromlek*, grupo de neubires que formam uma curva;

O *alinhamento*, fileira de neubires.

A *pedra-baloçante*, rochedo enorme pousado sobre outro em certas condições de equilibrio, e oscilando a um certo impulso.

Resumo

De tudo quanto atraz se diz, vê-se que a vida neolítica passou-se em melhores condições que a paleolítica.

O homem caçava ainda e pescava, mas já sabia também extrair alguns produtos da terra.

O que para traz fica é um resumo de elementos colhidos de um pequeno trabalho, que tenho aqui à mão, o qual faz parte dos meus alfarrabios, mas que julgo ser interessante para os curiosos tomarem d'ele conhecimento.

Não trabalhei para os que alardeiam a sua sabedoria.

Crónica da Semana

Ano Jubilar. — Comemorando o centenário da Morte e Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, S. Santidade Pio XI acaba de anunciar um ano de jubileu Santo, a principiar em 2 de Abril de 1933 e a terminar em 3 de Abril de 1934. De entre as considerações com que motiva a celebração deste Centenário, destacamos os seguintes períodos bastante ilucidativos e edificantes:

«E será não pequeno beneficio que o mundo ouça só falar de conflitos e contrastes, armamentos e desarmamentos, danos, reparações, dívidas, interesses económicos e financeiros, misérias individuais e sociais; mas que ouça também notas de intensa espiritualidade, de vida para as almas, e de fraternidade para os povos, resgatados com o mesmo Sangue Divino, e se cumpra a missão salvadora da Igreja, que não pode separar-se dos factos sagrados, objecto desta comemoração.

A fim de que esta se não reduza a actos passageiros e de que as almas, ainda as mais ocupadas, tirem dela copiosos frutos, dispomos que a celebração dure um ano inteiro, o qual proclamamos desde já Ano do Santo jubileu, que alcance um valor de acção, de expiação, de propiciação, santificação e indulgência. Assim o requerem os presentes dias de tanta tribulação, ansia de prazeres, paganismo, mundanidade e amor ao dinheiro.»

Não será, pois, um centenário de ruidosas festas, mas de serena paz e de íntima satisfação das almas.

Como muito bem nota S. Santidade os tempos que correm são de perturbação e de exitação de paixões e vis interesses. Que os fiéis se preparem para o santo jubileu, fugindo ao turbilhão dos prazeres e das loucuras terrenas e buscando a torrente de graças espirituais, únicas que lhe poderão dar a santificação e garantir a salvação eterna.

Os Reis Magos. — Festeja no dia 6 do corrente a Igreja a adoração dos Reis Magos. Vieram de longe prestar a sua vassalagem e o seu culto a Jesus.

Ora aqui está a fórmula da resolução do mais grave problema de todos os tempos: o problema religioso. Tudo se cifra nesta pequena frase: ir a Jesus!

Porque o mundo tem andado afastado de Jesus é que se desencadeiam as lutas entre os homens, entrecrocando-se os interesses e as paixões, e se aumenta a desordem nos espiritos, esquecendo-se o cumprimento do dever e a verdadeira marcha para o fim último.

Vive-se como se Jesus não existisse! O desconhecimento de Jesus, o não reconhecimento da sua soberania divina, eis a grande causa das maiores perturbações da terra. Estende-se no seu perturbedo e no seu alcance a adoração dos Reis Magos, siga-se o seu exemplo e a humanidade entrará numa face de profunda paz e verdadeira felicidade.

Ir a Jesus! Pertencer a Jesus! Obedecer a Jesus! Eis as supremas directivas! Isto fielmente cumprido e o problema religioso atingirá a sua plena resolução.

A lição dos Magos, apesar de bastante distante, sorá suficiente para simplificar todas as dificuldades.

Vida paroquial. — O Congresso da Juventude Católica de Espanha, na sua última e recente reunião, aprovou e publicou várias conclusões tendentes a estreitar as relações das juvenidades com a acção paroquial. A paróquia é a célula de organização eclesiástica; quanto mais a agregação de células dará ao todo, ao organismo religioso, a consistência e a vitalidade necessárias. Portanto, sob a ac-

ção paroquial deverão gravitar todas as formações associativas que possam influir na vida espiritual e social da paróquia.

Porque se tem seguido caminho diferente em muitas partes os resultados vieram mostrar o caminho errado. O Congresso das juvenidades católicas de Espanha veio apontar o erro e recomendar o procedimento, contrário. Entre nós, neste capítulo, também há muito que reformar. Temos de olhar a paróquia como pedra angular do magestoso edificio da Igreja.

Algumas dessas conclusões bastante elucidativas:

O Congresso julga da maior importância e necessidade a cooperação dos centros da J. C. na vida das paróquias: apela encarecidamente para que os centros paroquiais da J. C. se sirvam de todos os meios para estabelecerem quanto antes em todas as paróquias a assistência em comunidade à missa paroquial: resolve que todos os actos do culto dos centros da J. C. se empenhem na coadjuvação do serviço do culto paroquial: apela para os sócios da J. C. para por todas as formas fomentarem o amor da paróquia, vivendo nela e para ela em tudo o que não tenha de fazer-se na Catedral: deseja que nos círculos de estudos da J. C. se trate e desenvolva o tema da paróquia e pede aos pais de família que incitem os seus filhos à vida paroquial e os aconselhem quando sócios da J. C., a inscreverem-se nos quadros paroquiais desta, embora pertençam a núcleos da J. C. extra-paroquiais.»

Quanto há a aprender e a praticar nestas bem deduzidas e oportunos conclusões do Congresso da juventude hespanhola!

Ação Católica. — Tem estado em Lisboa, o assistente eclesiástico da Juventude Católica operária da Bélgica a fazer umas conferências acerca da organização da Acção Social e da Acção Católica naquele país. São lições para nós portugueses que a respeito de tal organização, estamos ainda num atraso lastimável. Não falta quem olhe esse movimento como uma coisa bem dispensável no nosso meio. E, todavia, dos grandes centros aos meios rurais, a necessidade d'ele resalta a olhos vistos. Temos que acompanhar a evolução social nas suas modalidades e prevenir-nos com uma prudente e sólida organização, porque os inimigos da fé e da Igreja também e de à muito se esteo organizando fortemente.

Não se trata, pois, de um movimento desnecessário ou de simples e espectacular exhibição: trata-se de fazer frente a quem pretende roubar-nos o que temos de mais sagrado, a fé, e de destruir todo o edificio religioso, que é o grande património dos nossos antepassados.

Não nos iludamos. E' preciso aceitar as coisas como elas são. As horas de paz da humanidade estão muito comprometidas. Sua Santidade Pio XI o tem proclamado bem alto. Obedeçamos-lhe, preparêmo-nos para a luta com a organização católica. Mas já; o deixar correr as coisas descuidosamente tem sido o nosso grande mal.

Agulhas e alfinetes

Um garoto mexicano lembrou-se um dia dum travessura: apANHOU a jeito um pacote de alfinetes e foi-se até ao pomar, onde as maçãs tinham então o terço do seu tamanho normal, e começou a espetá-las ao acaso, nalgumas ma-

DOCTRINA

A festa da Epifania de Nosso Senhor

No dia 6 de Janeiro celebrou a Igreja a festa chamada da Epifania, palavra derivada do grego, que significa aparição ou manifestação, porque é este o dia em que Jesus Cristo começou de se fazer conhecer aos gentios. Chama-se também a festa dos Reis, por os Magos que vieram adorar a Jesus, serem Reis.

E', porém, de notar que não é só uma manifestação que a Igreja comemora neste dia, mas três manifestações principais de Jesus Cristo, a saber: A primeira é a sua manifestação aos gentios na pessoa dos Magos: a segunda aos judeus, no momento em que foi baptisado por S. João Baptista: e a terceira, conforme o respectivo Evangelho, a seus discípulos pela mudança miraculosa da água em vinho, que teve lugar nas bodas de Caná.

Mas, conquanto estas três manifestações sejam o objecto da festa deste dia, a principal, e que a Igreja hoje nos propõe, é a que teve lugar no momento em que os Magos, conduzidos por um astro miraculoso, vieram adorar a Jesus Cristo e reconhecer-lo pelo Salvador prometido de Deus pela boca dos antigos profetas.

Tendo-se o Filho de Deus revestido da natureza humana para salvação de todos os homens, era sem dúvida muito conveniente que elle se manifestasse, desde a sua entrada no mundo, não só ao povo judaico, já esclarecido sobre este ponto pela lei dos profetas, mas ainda aos gentios, que viviam na ignorância e na infidelidade, a fim de que estes que eram antes tão diferentes em religião, fôsem, felizmente, reunidos ao conhecimento e culto de um só Deus verdadeiro.

Era também a propósito que Jesus Menino lesse sinais do seu poder soberano, e mostrasse claramente que a fraqueza da idade não o impedia de ser o Deus forte e poderoso, que faz tudo o que quer, e que ninguém pode resistir-lhe.

E é nestas circunstâncias, que desde a sua entrada no mundo, elle chama ao seu berço o céu e a terra, os anjos e os homens, os sábios e os ignorantes, os ricos e os pobres, os reis e os pastores, a fim de os obrigar todos juntamente a lhe renderem as homenagens que lhe devem como a seu soberano Senhor.

çãs atravessou-lhes o pelunculo com um alfinete grosso, que deixou ficar. O resultado, contrariamente ao que se possa supôr, foi magnífico, pois a grande afluência de seiva, provocada por este corpo estranho fez com que todas as maçãs alfinetadas no pedunculo tomassem um desenvolvimento muito maior. Querem os nossos leitores fazer a experiência?

Uma forma de conservar limões consiste em deitá-los, muito limpos, dentro duma vasilha de barro vidrado, mudando a água de três ou quatro em quatro dias.

As folhas de salsa, bem lavadas e muito bem picadas, applicadas sobre uma ferida onde não haja lesões de grandes vasos, faz parar quasi instantaneamente as hemorragias.

A salgagem dos feno, principalmente nas regiões húmidas, onde não é fácil recolhe-lo bem seco, tem, além da vantagem de garantir uma melhor conservação, a de proporcionar às vacas leiteiras o sal de que ellas tanto necessitam para a sua economia.

VARIEDADES

IMPRESSÃO DE MANHÃ

Surge da névoa finíssima
A fresca aldeia formosa,
Enquanto a luz do nascente
Esmalta o fundo do quadro
De empastes de azul e rosa.

Ao longe os galos, inquietos,
Presentindo a madrugada,
Batem as azas de rijo,
Acordando os logarejos
Com seus toques de alvorada.

E as gradações caprichosas,
Do vermelho alaranjado
Resultam lhamas chinezas
Brocados de fogo e pérola
Com seu fôco esverdinhado.

O tom brumoso alvado,
Vai doirando os milharais;
E muito além, bem distante,
Sobem penachos de fumo
D'onde branquejam casais...

Passam de leve os arômas
Nascidos dum laranjal.
E a toutinegra, amorosa,
Anda a gerar nos silvados
Seus queixumes de cristal...

Vê-se agora uma boiada
Dessedentar-se no rio:
Erguendo as grossas cabeças,
Dos focinhos orvalhados
Cai-lhes a bába num fio...

Pelas encostas dos montes
Andam rebanhos balindo;
E as lavadeiras tisnadas,
Batendo a roupa nas pedras,
Vão cantando e vão sorrindo...

Corre lá em baixo o combóio
Como quem vai sufocado;
Um melro ensaia umas coplas,
E as noras choram nos regos
O seu choro abençoado...

Ondas doirados corriam
Pela mésse, ao vir da aragem;
E o sol, artista divino,
Gastava as tintas mais belas
A colorir a paisagem.

Leão Dinis.

TRÊS AMIGOS NA VIDA

O homem tem três amigos neste mundo.
Mas, como se portam eles à hora da morte,
quando a alma vai comparecer no Tribunal
de Deus?

O *dinheiro*, que é o amigo de que se faz
mais caso, é o primeiro a abandoná-lo, e o
deixa ir sózinho.

Os *parentes e conhecidos* seguem o homem
até à última morada, se o seguem, e voltam
para suas casas.

O terceiro amigo, por vezes o mais des-
presado durante a vida, é o tesouro das *suas*
Virtudes e de suas Boas obras. Só este ami-
go o acompanha à presença do Supremo Juiz,
pleiteando em seu favor para lhe alcançar gra-
ças e misericórdias. Mas, quem pensa nisso?

PENSAMENTOS

A oração é o olvido dos pensamentos dolo-
rosos; o bálsamo suavíssimo das tristezas e
amarguras que dilaceram o coração.

Luísa Ferreira.

Infeliz é a mulher que só as distrações
fazem feliz.

Goldsmith.

O espírito não pode por muito tempo re-
presentar o papel do coração.

La Rchefoucauld.

NOTA ALEGRE

E'co extraordinário:

O Visconde do Parlapatice diz para um
criado:

—Sabes imitar o éco?

—Oh! se sei!

—Então, amanhã, pelas 4 da tarde, escon-
de-te no fundo do jardim e quando cá vierem
uns amigos visitar-me, repete o maior núme-
ro de vezes que poderes, tudo que eu te dis-
ser em voz alta.

—Sim, senhor, não me esquecerei.

No dia seguinte, os convidados chegaram
muito tarde.

O criado lá estava a postos.

E quando o Visconde os conduziu ao jar-
dim, para que apreciassem o éco maravilho-
so, disse em voz alta:

—Estás lá?

O éco respondeu-lhe:

—Já cá estou, há mais de meia hora.

Secção charadística

Decifrações das charadas publicadas em o n.º anterior:

Enigma pitoresco.—«A Cruzada» felicita os seus
numerosos leitores e deseja boas entradas.

Adivinha.—C há.

Charadas.—(Em verso): Socorro. (Em frase): Boa-
ventura, Fadiga. (Sincopada): Madona-mana. (Aumen-
tativa): Pá-pão.

CHARADAS

1.º EM VERSO

Minha mãe me tira o ser—1
Por amar o Alcorão,—2
M'ha virtude é livrar
A tudo da corrupção.

Nêlinho.

2.º SALTITANTE (1)

—Numa cidade portuguesa usa-se uma linda san-
dação.

1—2—3—4—5
5—4—2—3—1

Serrano.

3.º EM FRASE

—Estimo esta mulher por ser carinhosa.—2—2.

—Olhei e conheci logo que a mulher não era da
cidade.—1—2.

D. Fuas.

—Prendi um homem por tentar roubar uma nota
a uma pobre mulher.—2—1.

Serrano.

4.º SINCOPADA (por sílabas)

—Na conversa que tive com o guardião do mos-
teiro ouvi-lhe uma linda história.—3—2.

Serrano.

5.º ELÉCTRICA

—A mulher portuguesa aprecia muito esta
côr.—2.

Alice.

(1) Esta charada saiu em o n.º anterior incomple-
ta e como «eléctrica» quando é «saltitante».

TIPOGRÁFICAS

(1.ª) 4 letras

A

(2.ª) 21 letras

Fi5lpe III U

António de S. Torcato.
(Guimarães)

Uma maneira de se evitar que as formigas
venham às árvores ou às flôres é molhar o
tronco ou pulvizar-lo com soluto de ácido fénico.

Nova invênção

Informam de Londres que os engenhei-
ros de Bermingham realizaram com êxito o
estudo dum novo processo de compressão do
gás iluminante. Segundo esse processo, o
gás poderá ser transportado em garrafas
muito leves e ser utilizado em numerosos
casos. A municipalidade fez experiências
com quatro camiões pesados munidos dum
dispositivo pouco complicado, que lhes per-
mita utilizar gás como combustível. Os ca-
miões, durante seis meses, trabalharam com
gás e realizaram uma economia extraordi-
nariamente em comparação com os camiões
vulgares.

Pensa-se já em construir em tôdas as
ilhas británicas, ao longo das estradas reais,
estações de compressão de gás, fabricado
pelos municípios tornando assim possível aos
«chauffeurs» mudar, durante a viagem, as
garrafas vazias por garrafas cheias.

Por outro lado, estuda-se a possibili-
dade de mais aplicações do gaz comprimido.
Construiu-se uma garrafa de alumínio espe-
cial que pode ser metida numa algibeira.
Obter-se-ia assim com facilidade calor e
luz, transportados duma maneira prática e
pouco dispendiosa, em sítios em que não
haja nem gás nem electricidade. Estas gar-
rafas poderiam ser utilísimas aos explora-
dores, alpinistas, soldados e marinheiros.
Além disso, uma ou duas garrafas de gás
lêvadas num avião permitiriam a este reme-
diar qualquer avaria na alimentação do
combustível e que por vezes tem consequên-
cias trágicas.

LÓGICA DA HISTÓRIA

Parlamento espanhol. Num grupo de de-
putados radicais discutia-se se deviam ou
não votar a lei de expropriações contra os
monárquicos.

O deputado Domingos Barbero tentava
convencer os seus camaradas a que votas-
sem sem preocupações; e dirigindo-se a Al-
varo Mondizabal que se mostrava hesitan-
te, exclama:

—Anda, homem, vota. Mais do que is-
so tirou teu bisavô aos frades!...

Eloquente e lógico. Os avós enriquece-
ram à custa dos frades a quem espoliaram.
Agora os netos vão engordar as fortunas
tirando os bens aos ricos conservadores.

Não há dúvida: dignos uns dos outros!

Carta de Aves

Regressando

Há já bastante tempo que abandonei este
imerecido logar, deixando-o a quem com
mais competência o substituisse. Porém co-
mo até hoje não aparecesse ninguém e ven-
do eu que a «A Cruzada» é um dos jornais
mais lidos nesta freguesia, e não só por is-
so como por que à conta do pároco estão
100 exemplares.

Sabendo eu que o número dos seus as-
sinantes vão diminuindo com a falta de no-
tícias da terra, junta com duas lérias cá
dêste pobre cabouqueiro da letra de fôrma
o que bastante prejudica o nosso bom pá-
roco, que tanto se desvela pela propagan-
da dêste jornal, eu torno de novo à liça.
Ao iniciar porém, de novo as minhas des-
pretenciosas cartinhas, cumpre-me saudar a
«A Cruzada» nas pessoas de todo o seu
corpo redactorial e tipográfico, bem como a
tôdos os seus colaboradores e assinantes,
desejando-lhe que tenham tido Boas-Festas
e que tenham principiado um novo ano cheio
de mil prosperidades.

Joaquim Moreira.